



Museóloga Osvaldina Cezar Soares

Essa edição, que lembra um ano do incêndio no Museu Nacional, na cidade do Rio de Janeiro, e nos faz refletir sobre as políticas públicas de preservação das unidades de informação, conhecimento e cultura, nos brinda com uma rica entrevista com a museóloga Osvaldina Cezar Soares, que nos conta um pouco sobre sua carreira profissional, os percursos da qualificação dos profissionais museólogos, da crise das atuais políticas públicas em relação aos museus e do mercado de trabalho.

A museóloga Osvaldina Cezar Soares é a atual presidente do Conselho Regional de Museologia da 1ª região, que abrange as regiões Norte e Nordeste, além de atuar como coordenadora museológica do Museu da Misericórdia dirigido pela Santa Casa de Misericórdia da Bahia. Ao longo dos seus 29 anos de experiência passou pelo Museu Nacional de Enfermagem Anna Nery, Museu Eugênio Teixeira Leal, Museu de Arte da Bahia, Museu Abelardo Rodrigues e o Centro Cultural Solar Ferrão, desenvolvendo atividades na área de pesquisa, documentação, preservação e acondicionamento de acervos museológicos, montagem de exposições, ação educativa em museus, implantação de museus, memoriais e centros de culturais, dentre outras.

1. Quando começou a sua vontade de ser museóloga? Como você conheceu a profissão?

Concluí o ensino médio em Técnico em Turismo, no Colégio Estadual Severino Vieira, em Salvador, Bahia. Durante o curso de três anos, tive contato com disciplinas como: História da Arte, Cultura, Sociologia e Introdução a Museologia. Lembro que fiquei encantada com o contato com as diversas formas de representação da memória e de como era possível pensar na nossa identidade cultural de modo mais amplo. Na época, ainda não tinha conhecimento de que havia, em nível superior, a graduação em Museologia. Esta descoberta se deu de modo gradativo, pois a professora que ministrava a disciplina era museóloga, formada pela Universidade Federal da Bahia. A partir do contato com ela, comecei a pesquisar o que era Museologia, o que fazia o(a) museólogo(a), e tive a certeza de que era museóloga que eu queria ser. Terminei o ensino médio e me matriculei num cursinho de pré-vestibular. Era o tempo necessário para conhecer mais o curso e me preparar para as provas. Então me inscrevi, na UFBA, para Museologia e, na Católica, para Geografia. Fui aprovada nos dois vestibulares. Não cursei a Católica, deixando a vaga para quem realmente a desejava, e fui cursar Museologia, sendo aprovada, no vestibular de 1985, em segundo lugar. Saí da Universidade em 1989, mas minha formatura só aconteceu no primeiro semestre de 1990 por causa de uma greve. Estou há 29 anos atuando na profissão.

2. Dentre os museus que você atuou, qual marcou mais sua carreira profissional? Por quê?

Costumo afirmar que cada museu, em que tive a oportunidade de atuar, marcou de modo significativo a minha formação profissional, pois possibilitou o desenvolvimento de ações de pesquisa, desenvolvimento de projetos, montagens de exposições, ações de conservação e implantação de ações atividades socioculturais e educativas, tendo como referência acervos e públicos variados. Portanto todos eles possuem um significado especial na minha trajetória museológica, mas gostaria de citar duas experiências desenvolvidas. Uma delas foi a implantação do sistema de documentação museológica para o acervo de medalhas, condecorações e moedas do Museu Eugênio Teixeira Leal – Memorial do Banco Econômico, localizado no Centro Histórico de Salvador. Na ocasião, o professor aposentado da UFBA, o museólogo Osvaldo Gouveia, realizou a consultoria do projeto. Osvaldo havia sido meu professor durante o curso de Museologia na referida Universidade. O sistema era inovador, pois, além das questões que envolvem a documentação museológica, trazia desenho e análise simbólica de alguns elementos presentes da medalhística e numismática, fazendo um passeio pela heráldica. Outra experiência foi ter participação da concepção, seleção de acervo e montagem da Exposição, de longa duração, da Coleção de Instrumentos Musicais Tradicionais Emília Biancardi, coleção que integra o acervo do Centro Cultural Solar Ferrão, unidade da Diretoria de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – DIMUS / IPAC. Assumi a coordenação geral desse espaço por quatro anos e tive a oportunidade de estruturar a Orquestra Museofônica, idealizada pela então diretora da DIMUS, a museóloga Ana Liberato. A Orquestra, sob a batuta da etnomusicóloga Emília Biancardi, reunia profissionais de várias áreas de atuação, dentro do Solar, a exemplo de museólogos, restauradores, mediadores culturais, agentes de higienização e limpeza e alguns jovens moradores e estudantes do Pelourinho. O grande desafio era preservar o acervo didático de instrumentos musicais tradicionais por meio da sua utilização correta e da divulgação da sua história. Estes objetos não estavam expostos em painéis, nem em vitrines. Sua exposição era itinerante e participativa.

3. Fale um pouco sobre o Museu da Misericórdia, o qual você atua como diretora.

Se me permite a ressalva, no Museu da Misericórdia, meu cargo é de coordenadora do Setor Museológico. A estrutura de direção é a da Santa Casa. Dentro do Museu, há três coordenações: uma museológica, uma administrativa e uma das ações socioculturais e educativas. Atualmente, sou a única museóloga no quadro de colaboradores da Santa Casa da Bahia, por isso, assumo também a responsabilidade técnica sobre os acervos que se encontram em outras unidades históricas e emito parecer e orientação sobre as intervenções que possam ser realizadas nos prédios históricos.

O Museu da Misericórdia foi inaugurado em 2006 e se encontra instalado num casario em estilo maneirista, datado do século XVII. O Paço da Misericórdia foi tombado, em 1938, pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Nacional – IPHAN, e se destaca pela monumentalidade da sua construção, com espaços construtivos singulares como a loggia, o átrio e o ossuário. É o equipamento cultural da Santa Casa da Bahia e, por meio do seu acervo, apresenta uma parcela da história da Bahia e do Brasil, refletindo sobre hábitos e costumes que marcaram a sociedade baiana, desde a fundação da Cidade de Salvador até os dias atuais.

4. Quais museus você elegeria modelos aqui no Brasil, principalmente no que tange a Região Norte-Nordeste?

O universo é muito variado e complexo. Depende muito da representatividade do equipamento cultural e das relações de pertencimento que pode desenvolver com a sociedade. É claro que para ser museu, as linhas de pesquisa e investigação, preservação, conservação e comunicação devem ser mantidas de modo constante, refletindo a dinâmica cultural. Porém existem equipamentos culturais com trabalhos muito bons, que se tornam referência no campo museológico, a exemplo do Museu Carlos Costa Pinto, Museu do Traje e do Têxtil – Instituto

Feminino da Bahia, Museu da Misericórdia, Museu Afro Brasileiro, estes em Salvador – BA, Parque Histórico Castro Alves, Cabaceiras do Paragaçu - BA, Fundação Hansen Bahia, em Cachoeira – BA, Museu de Arte Contemporânea do Centro Dragão do Mar em Fortaleza, Centro de Pesquisas e Museu Sacaca, no Macapá, Kuai – Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque, estes dois últimos no Amapá, entre tantos outros que desenvolvem excelentes projetos de integração com as comunidades que os legitimam.

5. De que modo as mídias sociais podem contribuir para a Museologia contemporânea? Estamos vivendo um tempo em que as visitas aos museus deixarão de ser contemplativas devido a isso?

As mídias sociais são ferramentas que podem estar a serviço da divulgação dos museus, de seus acervos e de sua programação cultural, ampliando o alcance de informação sobre as suas ações. O Museu da Misericórdia, por exemplo, é um dos equipamentos culturais que está nas redes sociais. Desde maio de 2018, quando desenvolvemos o Projeto: Com Outros Olhos, uma experiência de Aprendizado e Interatividade, junto a pessoas com deficiência visual, cegueira e baixa visão, as publicações nas redes passaram a ser acompanhadas da hashtag #pracego-ver, possibilitando a prática da acessibilidade na internet. Acredito que as visitas aos museus nunca deixarão de ser contemplativas, sensoriais e cognitivas, pois nada substitui a experiência da percepção do objeto em si, além da observação dos aspectos arquitetônicos da edificação, já que a maioria dos museus está localizada em prédios históricos. Também vale enfatizar a experiência que envolve a mediação cultural humana e que possibilita apresentar, desenvolver interações e despertar o “olhar” do visitante para histórias, que nem sempre estão contadas nas etiquetas e nos verbetes explicativos.

6. Você acha que os brasileiros ainda frequentam pouco os museus? Por quê? Ainda é preciso uma mudança de cultura, de hábitos?

Sim, os brasileiros ainda frequentam pouco os museus, mas esta realidade tem mudado de forma gradativa. A visitação já foi muito menor, já há alguns anos, registramos um crescente aumento no número de visitantes e frequentadores de museus. Existem alguns fatores que atuam diretamente neste quadro, entre os quais podemos citar os condicionamentos e conceitos preestabelecidos de que museus são espaços elitizados, que não são para todos. Associasse-se a este panorama a falta de atividades escolares, onde a visita a museus faça parte do currículo escolar e deixe de ser feita de modo esporádico. As escolas da rede pública de ensino possuem muita dificuldade com a questão do transporte dos alunos. Por outro lado, os museus também precisam dotar suas equipes técnicas para ter profissionais, em número suficiente e devidamente qualificados, para o planejamento e a realização de atividades socioculturais e educativas de modo continuado, tanto junto ao público escolar, quanto a outros segmentos de públicos. Para os museus, fatores estruturantes como: equipes reduzidas e orçamentos reduzidos, também impedem a manutenção de atividades continuadas, muitas vezes, fragmentando o processo de construção e retroalimentação das mesmas. Museus também precisam ser vistos como opções de lazer. Por isso, a interação do espaço museal com diversas linguagens artísticas é muito importante para incentivar a visita e atrair novos públicos, além de fidelizar aqueles que já são usuários desses espaços culturais.

7. O que você pensa sobre essa nova tendência de museus virtuais e digitais?

Acredito ser uma das formas de democratização e de acesso ao patrimônio musealizado, inserindo-o, de alguma forma, na dinâmica cultural de muitos povos, por meio do uso das modernas tecnologias. É também pensar uma outra dimensão de referências de memória que está sendo construído e se propagando de maneira muito rápida. Então o tratamento dessas informações e seu acesso, em larga escala, também pode ser organizado de modo a permitir maior fruição do conhecimento.

8. Fale um pouco sobre os desafios que o museólogo e os profissionais da informação tem na preservação da memória documental.

O maior desafio ainda se encontra na implantação de estruturas físicas adequadas aos padrões de conservação, preservação e acondicionamento de acervos, respeitando a tipologia de cada um. Outro elemento é a sistematização e informatização dos dados, facilitando o acesso e a recuperação de informações e estabelecendo níveis de acesso. São programas especiais e caros, das quais a implantação e a manutenção é presente em um reduzido núcleo de museus.

9. Como atual presidente do Conselho Regional de Museologia da 1ª região, que abrange as regiões Norte e Nordeste, conte-nos um pouco sobre as ações que vem sendo desenvolvidas nessas regiões em relação a preservação, conservação, armazenamento e tratamento de coleções.

Esta é a minha terceira passagem pelo Conselho Regional de Museologia – COREM 1R, onde assumo a representação do mesmo enquanto presidente. Nas duas oportunidades passadas, assumi o cargo de Conselheira Suplente da Comissão de Tomada de Contas e como Conselheira Titular Primeira Secretária. É um trabalho voluntário e feito por uma equipe de museólogos que reconhecem a importância de se manter ativo o Conselho profissional e de fortalecer a profissão. Não temos dedicação exclusiva, pois nos dividimos entre as demandas de trabalho no campo museal e as ações do COREM. Neste momento, estamos trabalhando para a reformulação de algumas ações do Conselho, promovendo a sua reestruturação, até porque a sua área de jurisdição foi ampliada, desde 2018, com a extinção do Conselho Regional de Museologia da 6ª Região, por determinação do Conselho Federal de Museologia. A sede do COREM 1R fica em Salvador – Bahia. Com relação a preservação, conservação, armazenamento e tratamento de coleções, podemos evidenciar um avanço no campo teórico e metodológico, que se confirma pela existência de cursos de graduação e pós-graduação em Museologia, em diversas universidades do Norte e Nordeste do Brasil, sendo que o mestrado se encontra na Universidade Federal da Bahia - UFBA. De maneira geral, o que marca a realidade das instituições museológicas é a falta de recursos financeiros compatíveis com as necessidades de conservação, acondicionamento e preservação dos referenciais de memória de que são gestoras. Isto impossibilita um caminhar mais equilibrado entre a teoria e a prática. Esta falta ou redução na dotação orçamentária acaba reverberando em outras áreas de atuação dos museus.

10. Como é a profissão de museólogo no país? O que precisa mudar? Você acha que a profissão é desvalorizada? Por quê?

A profissão é regulamentada pela Lei 7. 287/84, que define as atribuições do profissional museólogo (a). Em dezembro, são 35 anos de regulamentação da profissão, e ainda sentimos uma clara necessidade de ampliar nosso espaço de atuação e a oferta de trabalho. O espaço de atuação do (a) museólogo (a) não é apenas o Museu. Há possíveis atuações no campo da universidade, da consultoria e da elaboração de projetos, da gestão de espaços culturais, da pesquisa, da emissão de laudos e pareceres técnicos, de courier, entre outros. Ainda existe um desconhecimento sobre a profissão, o que leva algumas instituições a acreditarem, de modo equivocado, que seu trabalho pode ser feito por outro profissional. Para exercer as funções de museólogo, é preciso ter formação na área e estar devidamente registrado em seu conselho. Acredito, também, que o nosso país precisa valorizar mais sua riqueza cultural e a importância do pertencimento e de construção de uma consciência mais cidadã, que decorrem dela. Só assim, formaremos pessoas mais seguras da sua identidade cultural, com mais informações sobre seu passado histórico, podendo se colocar de forma mais crítica sobre o seu presente, repensando ações para o futuro. Creio que a tentativa de desvalorizar a profissão seja mais para atender as necessidades de “esvaziamento cultural”, propagada para atender a determinados interesses. Contudo nós estamos aqui, com avanços e retrocessos, no campo da cultura, repensando nosso papel de preservacionistas e divulgadores, defendendo a manutenção do nosso patrimônio cultural nas mais diversas expressões.

11. Como você avalia a situação dos museus brasileiros atualmente? Os museus costumam receber apoios, parcerias? De que forma isso ocorre?

Os museus brasileiros estão atravessando um momento muito crítico, principalmente, devido ao contingenciamento na área da educação e da cultura, pois alguns equipamentos estão vinculados às universidades. O incêndio que atingiu o Museu Histórico Nacional foi lamentável. Sem falar em quando outros “incêndios” não temos que apagar diariamente. Com a redução das equipes e do orçamento financeiro, muito do que se tem realizado está vinculado a qualidade da formação dos profissionais, que atuam nesses espaços, e da priorização de atividades essenciais ao seu funcionamento. Além dos recursos advindos de suas instituições mantenedoras, outra forma de captação são as leis de incentivo à cultura e os editais, alguns dos quais possibilitam o desenvolvimento de ações continuadas.

12. Em sua opinião, como se encontra a profissão de museólogo no cenário sergipano em relação ao cenário nacional?

De maneira geral, o quadro é o mesmo. Porém possuir o curso de graduação em Museologia, na Universidade Federal de Sergipe – UFS, é muito significativo, pois isto garante uma renovação da mão de obra bem preparada para atuar no campo museológico. Também a evidência de que se existe formação, existe demanda e reconhece a importância do patrimônio material e imaterial sergipano. Não há outro caminho a seguir, a não ser o da coletividade, da defesa pelo interesse da classe museológica, que se vincula a preservação do patrimônio nacional. Nossa luta é pelo fortalecimento da nossa profissão, com respeito às necessidades de cada lugar, interligando saberes, construindo redes.

Entrevista concedida ao bibliotecário Salim Silva Souza, em 21 de agosto de 2019. Coordenador do Repositório Institucional do IFS – CRIFS. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História das Bibliotecas de Ensino Superior – GEPHIBES/IFS. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9968-9925>. E-mail: salmilas@gmail.com

Agradecimentos

À Museóloga Osvaldina Cezar Soares pela disponibilidade, generosidade e carinho demonstrado ao conceder essa entrevista. Desejo muito sucesso na realização dos seus projetos!